

Entre a permissão divina e a danação mundana: a construção do *Malleus Maleficarum* sob a ótica do medo no Ocidente

Marcus Vinícius Reis

Graduando do 7.º período de História, Universidade Federal de Viçosa.
e-mail: mv.historia@gmail.com

Resumo: Baseando-se nos principais elementos que fizeram da obra de John Sprenger e Heinrich Kramer um sucesso de circulação por toda a Europa dos séculos XV e XVI, o presente trabalho tem por objetivo pensar a construção do *Malleus Maleficarum*, sob a ótica do que Jean Delumeau nomeou de “medo no Ocidente”. Partindo dessa premissa, e ancorado numa considerável bibliografia a respeito da temática proposta, o outro objetivo inserido em tal estudo terá como fio condutor os 3 elementos principais que serviram de base para a construção do *Malleus*, em ordem de importância dada pelos autores: a permissão divina, a presença do diabo e a presença da bruxa ou feiticeira.

Palavras chave: Bruxaria. Pacto demoníaco. Medo

Abstract: Based on the most important elements that made the work of John Sprenger and Heinrich Kramer a great success in the whole Europe during the 15th and 16th centuries, the present work aims at thinking about the construction of *Malleus Maleficarum*, considering what Jean Delumeau called “fear in the West”. Taking this for granted, and supported by a considerable bibliography on the proposed theme, the other objective will analyze the 3 main elements for the elaboration of the *Malleus*, in order of importance, according to the authors: the divine permission, the presence of the Devil, and the presence of the witch.

Keywords: Witchcraft. Devil pact. Fear.

Pensar a construção do *Malleus Maleficarum*, dos possíveis contextos por trás dessa obra, é entrar numa atmosfera em que o divino e o diabólico convivem em eterna batalha, em que Deus busca a salvação da humanidade e o Diabo objetiva fazer com que os homens caiam nas tentações mundanas. Uma guerra na qual o *Malleus Maleficarum* terá o papel de servir de guia para a humanidade conseguir a salvação eterna. Mas porque o manual de Kramer e Sprenger teve um destaque tamanho não só período de sua confecção – século XV – mas também nos séculos posteriores da Modernidade? Para tal resposta seria inviável que procurássemos as justificativas

desta apenas numa crítica interna à fonte que temos disponível, o próprio *Malleus*. Ou seja, a partir do momento em que aprofundamos a leitura do manual de Kramer e Sprenger percebemos que a construção deste está permeada por uma atmosfera que podemos denominar de medo, e que não esteve restrita apenas ao texto em si. Uma forma de medo que não pode ser confundida como covardia, mas como um fenômeno que pairou em forma de “uma angústia coletiva e sobre uma civilização que se sentiu frágil” (DELUMEAU, 1989, p. 41). Assim, ao mesmo tempo em que analisamos a importância do *Malleus Maleficarum* estamos inevitavelmente entrando numa discussão na qual a presença do medo na sociedade europeia torna-se pertinente para que compreendamos a construção deste manual.

Sem a imprensa, sem uma cultura voltada para a construção dos poderes de Satã, as incidências do medo do fim do mundo e do juízo final não tomariam proporções consideráveis como ocorreu na Europa. A imprensa, segundo Jean Delumeau, foi responsável direta por difundir o medo de Satã e de seus seguidores, seja por meio de grandes volumes ou mesmo de sermões que foram publicados. Os teólogos procuraram fazer com que a figura do Diabo – antes nos séculos XI e XII como sendo uma figura ridicularizada pelos camponeses – se tornasse para toda a sociedade europeia uma figura demoníaca e perseguidora dos pecados da humanidade (DELUMEAU, 1989, p. 247-249). Assim, não apenas a Igreja, mas também uma cultura demonológica representada por artistas, por escritores, não cansou de difundir ideias de como e de onde vinham os poderes do Diabo, quais eram estes principais poderes no qual todo cristão deveria temer, de que forma o Diabo tentava a humanidade, quais eram os seus principais agentes aqui na Terra.

O manual de Heinrich Kramer e James Sprenger não fugiria à regra. Tornar-se-ia um manual que teria o objetivo de definir os poderes de Satã e de que forma ele agiria no mundo. A importância dada ao *Malleus* é colocada tanto por Robert Muchembled como também por Robert Mandrou. Trata-se de uma etapa importante na construção demonológica europeia. Muchembled ainda destaca o fato de que o manual de Kramer e Sprenger foi um dos primeiros a tratar de forma incisiva acerca da presença do Diabo no mundo. Além disso, a sua importância também se deve à grande influência que o manual exerceu por toda a Europa cristã ao longo dos séculos posteriores à sua publicação (MUCHEMBLED, 2001, p. 247-249).

Robert Mandrou vai mais adiante ao dizer que a publicação do *Malleus* serviu de peça essencial para que a demonologia ganhasse força acerca da construção da ima-

gem demoníaca. Ao lado de uma literatura jurídica acerca da presença de Satã, o *Malleus* serviu de base para a atuação inquisitorial diante de inúmeros casos de possessões diabólicas (MADROU, 1979, p. 41).

Por fim, e não menos importante, o ponto no qual o *Malleus Maleficarum* demonstra que está amparado por toda uma jurisdição eclesiástica. Ao iniciarmos a leitura do manual de Kramer e Sprenger, antes mesmo de começar a serem elaboradas as questões dos monges, temos em poucas páginas a presença da bula *Summis Desiderantes affectibus*, de autoria do papa renascentista Inocêncio VIII. Antes de justificarmos a presença de tal bula papal no manual de Kramer e Sprenger, é importante termos um pouco de informação acerca do que essa bula representou para a época na qual esteve vigente. Renegada por toda uma literatura demonológica, a bula de Inocêncio VIII tem como sua principal importância o fato de que é considerada por Jean Delumeau como um forte elo de toda uma cadeia infernal. Conforme menciona Delumeau, mesmo não havendo uma presença explícita de *sabbats* ou mesmo de uma definição mais precisa do pacto demoníaco, a bula de Inocêncio VIII tornou-se inédita pelo fato de que nenhuma outra antes desta foi capaz de identificar a magia popular como uma forma de heresia. Em síntese, a bula de Inocêncio VIII aproximou um crime civil a um crime religioso, defendendo a posição de que os tribunais leigos deveriam combater tais heresias por meio da repressão. Tal assertiva é coerente também com a posição dos próprios autores do *Malleus*, que consideram a bula *Summis Desiderantes* como sendo uma forte aliada da fé católica, aumentando sua força frente aos inimigos da cristandade (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 43). Dessa forma, utilizar a bula de Inocêncio VIII era ao mesmo tempo conferir status de importância para o manual como sendo a maior autoridade teórica acerca dos poderes de Satã e de seus agentes, além de dar aos monges garantias de sua atuação contra as heresias presentes na Alemanha.

É, a nosso ver, impossível separar a justificativa de se usar a bula de Inocêncio VIII no *Malleus Maleficarum* de um contexto que se torna tão explícito na própria intenção dos monges em se justificar tal utilização. Como já mencionado, o objetivo é o de reforçar a fé católica contra as ameaças presentes no mundo. E se existe a necessidade de se tornar o catolicismo mais forte, é porque do outro lado da questão existe uma ameaça, um temor de que algo possa fazer com que a Igreja Católica entre em colapso. Um medo de que uma potência maléfica seja capaz de ameaçar toda a humanidade, levando-a à perdição eterna. E é esse teor de medo que o presente trabalho terá como ponto de partida, tendo o *Malleus Maleficarum* como sendo não apenas um manual que

descreve os poderes de Satã, mas também um manual que buscou reunir os principais elementos que ameaçavam a cristandade, além de buscar soluções para combater tanto os malefícios como os seus agentes causadores. Dessa forma, a partir do momento em que pensamos a construção do *Malleus Maleficarum* temos a consciência de que os principais elementos que fizeram parte de tal construção e que sem dúvida alguma foram nomeados como as principais ameaças à humanidade são, em ordem de importância, o Diabo, a feiticeira e o pacto demoníaco. Temos ainda um quarto elemento, que no entender de Kramer e Sprenger é o responsável por ser aquele que ira intermediar as ações de tais elementos, que é Deus. Assim, toda a construção do presente artigo estará envolta de tais proposições mencionadas acima; um fio condutor que nos levará – se possível – a uma compreensão maior do que o *Malleus Maleficarum* representou para uma sociedade frágil diante do medo, e o que tal sociedade contribuiu para a construção do manual de Heinrich Kramer e James Sprenger. Trata-se de uma proposta audaciosa que não tem por objetivo se encerrar da presente discussão. Antes de tudo queremos fornecer questões, e não propriamente respostas.

Deus em sua infinita bondade é considerado o provedor de todas as coisas, é Aquele que está em tudo e em todos (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 163). A partir dessa assertiva, os monges *Kramer* e *Sprenger* procuraram dizer que devido à onipresença e onipotência divina, todas as virtudes e males existentes no mundo estão diretamente ligados à presença de Deus. Assim, apenas uma maneira de obter a salvação é colocada para a humanidade, que é a de aceitar a presença Divina e aceitar a fé cristã.

Mas, por que a humanidade é assolada por tantas catástrofes e malefícios vindos dos mais diversos pecados? Tal questionamento feito pelos autores do *Malleus* é bastante significativo se pensarmos que a própria Igreja Católica difundia na época uma imagem de Deus como sendo de infinita misericórdia e bondade para com a humanidade. Entretanto, ressaltam *Kramer* e *Sprenger* que tal bondade divina esbarra no livre arbítrio concedido aos homens pelo próprio Deus. Ou seja, apesar do intelecto dos homens serem influenciados pela bondade celestial, os próprios homens não estão imunes de se desviarem do caminho da bondade e da misericórdia divina (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 131). E pelo fato de terem o poder de escolher o destino que querem seguir, os homens acabam caindo nas tentações dos mais diversos pecados, inclusive o de renegar a Deus e se aproximar da presença demoníaca.

O homem nasce pecador, e de tal predestinação a humanidade jamais conseguirá escapar, mesmo tendo a misericórdia de Deus a seu favor. Para *Kramer* e *Sprenger*, a

humanidade se encontra perdida em pecados, não sendo possível que esta se torne imune às tentações mundanas. Além disso, os homens não são dotados de imunidade diante dos pecados, sendo Deus o único capaz de resistir a qualquer tentação proveniente do Diabo. O que resta aos homens é se aproximar de Deus para que consigam a graça divina e se afastem dos pecados do mundo (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 160-163). Caso contrário, a humanidade continuará sua perdição num mundo governado pelo príncipe das trevas, Satã.

Temos assim, nosso próximo elemento, considerado pela Igreja Católica como sendo o maior inimigo de toda a cristandade – Satã. Ao longo de toda a Idade Média e também nos séculos referentes à Idade Moderna, principalmente os séculos XVI e XVII, o que predominou no pensamento teológico acerca de uma possível explicação acerca dos males da humanidade esteve diretamente relacionado com a construção da imagem de Lúcifer. Para a Idade Média, a figura de Satã que encontramos ainda é tímida, muitas vezes usada como forma de comprovar o poder do homem diante dos males. Como bem cita Jean Delumeau, os séculos XI e XII são palcos ainda de um Diabo pouco assustador, em que “ele e seus acólitos por vezes [são] tão ridículos ou divertidos quanto terríveis” (DELUMEAU, 1989, p. 140).

Mas a partir do século XV percebemos uma maior preocupação por parte da Igreja em fazer de Satã uma criatura que deveria ser temida e evitada por todos, para o bem da humanidade. Dessa forma, imagens antes renegadas pelos teólogos e demonólogos – como as representações contidas em “A divina Comédia” ou nos elementos da cultura oriental – passam a ganhar importância a partir do momento em que os poderes de Satã são delimitados e apontados pelos estudiosos (DELUMEAU, 1989, p. 240). Alguns exemplos são apontados no próprio *Malleus*. O Demônio recebeu a permissão de Deus para que a humanidade sofresse todo e qualquer tipo de males e catástrofes provenientes de sua ação demoníaca. Para isso, Satã adquiriu poderes capazes de persuadir a humanidade de modo que o homem fosse conduzido às tentações do pecado (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 128). E, conforme citam os autores do *Malleus*, o Diabo para persuadir o homem se atém de cinco meios para que tal ilusão seja bem sucedida. Primeiramente, por meio da ilusão, ou seja, em fazer com que o homem acredite numa imagem que na verdade é uma trapaça de Satã. A outra maneira está relacionada à ilusão provocada quando o Diabo se utiliza de um corpo espiritual para esconder o verdadeiro corpo da pessoa, confundindo-a. A terceira ilusão se dá quando o Diabo incorpora algo em alguma coisa, fazendo com que esta adquira nova forma, iludindo o

homem. Em quarto lugar, vem a ilusão sobre a visão do homem, tornando-a enganosa. E, por fim, o Diabo se utiliza da ilusão através da alteração de humores ou dos sentidos do homem (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 144). Além disso, o manual também indica alguns dias em que os demônios preferem atuar no mundo de modo a causar o maior número de desastres possíveis. Trata-se dos dias santos, como o Natal, a Páscoa e o dia de Pentecostes. A justificativa por tal preferência pelos dias santos se deve a três pontos: atuar em dias santos concede às bruxas maiores poderes quando há a negação da fé católica e de Deus; além disso, são nesses dias de festa que as bruxas têm a percepção total da sociedade na qual elas irão atuar malignamente; e por fim, os dias santos são considerados os mais propensos para que as mulheres possam conseguir persuadir os homens para cometer os desvios sexuais (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 238-239).

As descrições não se tornaram raras ao longo da Idade Média e Moderna acerca de como se estendia o domínio de Satã sobre a terra, além de mostrar como se dava a sua atuação na humanidade. Procuravam desvendar todos os poderes de Satã, considerado também como sendo o Príncipe da Morte, responsável diretamente pelo contato com os mortos, além de exercer influência sobre os cadáveres (DELUMEAU, 1989, p. 254). Trata-se um príncipe que assola a humanidade por diversos meios desde o pecado original. Uma guerra contra a humanidade, tendo Deus como intermediador. Concepções estas que a imprensa ao longo dos séculos XIV, XV e posteriores tentaram difundir no meio social. De objeto de zombaria, o Diabo adquire a função de servir de explicação para os acontecimentos que envolvem a humanidade. Os males a partir de sua presença seriam resultantes unicamente de sua ação sobre os homens. Para isso, os teólogos a partir do século XIV começam a abandonar apenas a atmosfera monástica e partem para uma definição mais ampla de Satã de modo a difundi-la a todos os setores da sociedade.

Trata-se de uma mudança de postura por parte da Igreja e do próprio Estado, em que a busca por uma religião coerente relaciona-se com a busca por uma sociedade civilizada que seja capaz de caminhar rumo ao progresso Europeu (MUCHEMBLEND, 2001, p. 31). Dessa forma, Satã é visto de uma figura decaída na graça das pessoas para uma fera capaz de tentar, de causar todos os males àqueles que renegarem a Deus e à fé cristã. E é nesse sentido que a obra de Heinrich Kramer e James Sprenger toma a sua importância devida para que possamos compreender a atmosfera de medo que circundou a Europa a partir do XIV.

Inúmeros casos tornaram-se exemplos de como a figura de Satã passou a ser representada a partir do século XIV. Alguns são apresentados por Jean Delumeau e também por Robert Muchembled. Dos espetáculos teatrais que muitas vezes representavam Satã, o século em questão tornar-se-ia palco de novas representações que buscam definir os poderes do verdadeiro príncipe do mundo. De acordo com Delumeau, os ares de medo que tomaram conta da Europa a partir do século XIV devem-se principalmente à estratégia dos teólogos em se utilizarem da imprensa para difundirem suas idéias demonológicas (DELUMEAU, 1989, p. 240). Assim, o grande incentivo da propagação do medo de Satã ao longo de toda a Europa veio em peso da Igreja Católica, e para isso ela se utilizou maciçamente da imprensa para que tal medo ganhasse as proporções que hoje a historiografia concebe.

Mas não apenas os teólogos foram os responsáveis para que Lúcifer adquirisse tamanhos poderes ao longo dos séculos da Idade Moderna. J. Baltrusaitis é citado por Jean Delumeau no intuito de mostrar algumas influências que vieram da cultura oriental. A China, por exemplo, teria enviado aos teóricos do Diabo as asas de morcego que fariam parte do corpo de Lúcifer, além de uma presença feminina diabólica nas representações acerca de Satã (DELUMEAU, 1989, p. 242). A cultura demonológica também é considerada essencial para que a presença de Lúcifer se tornasse vitoriosa nos séculos precedentes da modernidade. De acordo com Muchembled, a construção de uma demonologia foi de total importância para que os limites entre o Bem e o Mal fossem definidos, em que Deus seria um ser de total bondade, mas que teria no Diabo o seu grande adversário, responsável – por meio da permissão divina, como citam Kramer e Sprenger – pelos grandes pecados da humanidade (MUCHEMBLED, 2001, p. 42).

O *Malleus* se destacaria, sendo como um poderoso manual utilizado para definir o que Satã seria capaz de fazer contra a humanidade. Mas ainda nos é possível ir mais além com a obra de Kramer e Sprenger acerca dos poderes diabólicos dessa criatura. Não apenas a descrição dos poderes de Satã foi a preocupação dos autores do *Malleus*, mas também houve a preocupação de se formar uma hierarquia demoníaca na qual os diversos demônios atuariam nas mais variadas funções. Ou seja, assim como as criaturas celestes são dispostas hierarquicamente de acordo a sua função e importância para as ações divinas, os demônios também se organizam, mas de forma precária, numa hierarquia presente no Inferno. Para que tal organização ocorra, os demônios são definidos por nomes que significam os males que cada criatura causa na humanidade. O *Diabolus* é o demônio responsável pelos atos maléficis que buscam matar o corpo e a

alma da pessoa. Já Satã, seria o adversário que tem a função de fazer com que os homens abandonem a fé cristã, tornando-os bestiais. Entretanto, um demônio em especial é o que mais assola a humanidade, devido ao fato de que por meio de seus atos os homens são capazes de até renegar a fé cristã. Trata-se de Asmodeus, o diabo da Fornicação, relacionado aos crimes sexuais, às bruxarias (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 43).

Mas o Diabo ou Satã não estaria sozinho nessa batalha eterna contra a humanidade. De acordo com Kramer e Sprenger, é necessário que existam agentes na terra que se tornem fieis à proposta demoníaca de levar a danação eterna à humanidade. Não apenas uma difusão de um imaginário demoníaco seria suficiente para que uma sociedade ganhasse caracteres de medo, de temor diante de Satã. Era necessário comprovar a existência do príncipe das trevas, tornava-se importante que a figura de Satã se concretizasse no seio da sociedade europeia. Para tal, a difusão de manuais como o *Malleus Maleficarum* serviram de instrumento comprovador dos males causados por Satã, indicando por meio de inúmeras provas que este não estava sozinho em suas ações.

‘Todo homem e toda mulher que evocarem espíritos divinatórios ou pitônicos serão mortos, e serão apedrejados, e levarão a sua culpa’ [capítulo 19 do *Levítico*]. Pitônico são as pessoas em quem o diabo opera coisas extraordinárias [...]. As leis eclesiásticas demonstram também que negar a existência de bruxas é contrário ao sentido óbvio do Cânom [...] (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 53).

Em outra passagem do manual de Kramer e Sprenger encontra-se de modo mais nítido a forma como Satã age por meio da bruxaria, escolhendo seus principais agentes no mundo.

É um fato que maior número de praticantes de bruxaria é encontrado no sexo feminino. Fútil é contradizê-lo: afirmamo-lo com respaldo na experiência real, no testemunho verbal de pessoas merecedoras de crédito [...]. Portanto, a mulher perversa é, por natureza, mais propensa à heresia na sua fé e, conseqüentemente, mais propensa a abjurá-la – fenômeno que conforma a raiz da bruxaria (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 112-117).

Uma acusação presente ao longo da história humana (DELUMEU, 1989, p. 31). Acusação que antes mesmo da Inquisição e do *Malleus*, procurava colocar a mulher como submissa ao homem e como responsável pelas calamidades humanas. Pode-se dizer, tendo como base Jean Delumeau, que a figura da mulher ao longo dos tempos, transi-

tou entre a exaltação, sendo ligada ao culto mariano, ou mesmo em superstições locais, e a diabolização e submissão ao homem. Trata-se de uma exaltação que em períodos remotos da Antiguidade era relacionada com o culto a uma deusa fértil em comunidades pagãs ou mesmo na presença da deusa Atená, em Atenas. Tal exaltação irá adquirir força no culto à virgindade de Maria. A própria oscilação do caráter das mulheres é apresentada por Kramer e Sprenger. Para ambos, quando a mulher é dotada de graça e virtude, sendo governada por um espírito do bem, ela se torna capaz de atingir o ápice da divindade,

[...] que, seja na bondade, seja no vício, não conhecem moderação; e quando ultrapassam os limites de sua condição atingem as maiores alturas na bondade e as mais fundas profundezas no vício. Quanto governados por espíritos do bem, atingem o acme da virtude; mas, quando governados por espíritos do mal, se comprazem nos piores vícios possíveis (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 113).

E serão nos piores vícios existentes que as mulheres se tornarão mais propensas às atividades diabólicas. Sendo governadas pelos espíritos malignos, as mulheres ao longo da modernidade serão apontadas pela Igreja como um todo como sendo as grandes responsáveis por difundir os males pelo mundo, por tornar concreta a ameaça de Satã. E há uma razão para que as mulheres caiam mais em tentação diante das ilusões do demônio. Na visão da Santa Inquisição e do próprio *Malleus Maleficarum*, os indivíduos mais propensos à atividade demoníaca, capazes de se entregar ao diabo de forma tão vil e desmedida, são as mulheres. A explicação dos autores está no fato de que a bruxaria está intimamente ligada à malícia, responsável pelo enfraquecimento da Natureza humana. Malícia esta, presente nas mulheres, pois elas frequentemente adquirem hábitos pecaminosos que, juntamente com o Demônio, são responsáveis por tentar a humanidade (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 105). Mas ainda existe uma causa maior, mencionada também pelos monges do *Malleus*. Trata-se de uma explicação acerca da natureza humana, e da natureza feminina.

Mas a razão natural está em que a mulher é mais carnal que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 116)

Trata-se de um poderoso dossiê que objetiva esclarecer para a humanidade as causas de tantos males que assolam o mundo. E para isso, Kramer e Sprenger “elegem” a mulher como a grande responsável por manter tais catástrofes no mundo, através de sua atuação pela bruxaria. Um enumerado de estereótipos é apresentado pelos monges, definindo as mulheres como crédulas excessivas, sendo fáceis de impressionar: são fracas quanto à fé católica, são deficientes de corpo e alma, além de serem mais propensas à dissimulação (DELUMEAU, 1989, p. 327). A própria medicina, de acordo com Muchemblend, foi de considerável importância na tentativa de se descrever como funcionava o organismo da mulher. Os médicos viam na figura da mulher uma constituição ainda inacabada, como se fosse um homem que parou de se desenvolver. Assim, a mulher estaria sujeita a ser mais mentirosa, supersticiosa, lúbrica e impressionável por natureza. Como se percebe, a definição da medicina muito pouco se distanciou da justificativa teológica presente na descrição de Kramer e Sprenger, em que a mulher ao mesmo tempo em que tinha o poder da vida, tinha também o poder de levar à morte (MUCHEMBLEND, 2001, p. 98). Tais interpretações, no geral, constituíam um conjunto de explicações que visavam a justificar a inferioridade natural de mulher em relação ao homem. Dessa forma, a mulher feiticeira era até uma presença comum devido à sua relação mais próxima com o diabo.

Se há a necessidade de se ter um consenso de que as feiticeiras são responsáveis pelos males da humanidade junto com o diabo, é necessário então, que se teorize acerca de tais criaturas e também que se tenham os melhores meios para combatê-las. Desse modo, as bulas papais foram redigidas no intuito de colocar a bruxaria como um grave crime que deveria ser perseguido pela Inquisição, principalmente. João XXII, segundo Jean Delumeau, pode ser considerado como um dos primeiros papas a fazer com que as bruxas ganhassem um status de heréticas, com a sua bula *Super Illius specula* (1326). Outro exemplo mencionado anteriormente foi o da bula de Inocêncio VIII, na qual o próprio *Malleus Maleficarum* se utilizou de modo a tornar a perseguição contra a bruxaria mais legítima por parte da Igreja.

A partir de João XXII, tentativas não faltaram de colocar a bruxaria no topo de perseguições da Inquisição (DELUMEAU, 1989, p. 251-252). E será em fins do século XVI que a feitiçaria ganhará os contornos básicos para que a sua ação seja relacionada diretamente com a presença da bruxaria feita pelas mulheres. O medo de si, de ser punido por Deus ou ser torturado por Satã acabam por acelerar uma mudança de comportamento frente aos acontecimentos do mundo (MUCHEMBLEND, 2001, p. 47). Por parte do

Estado, houve uma maior difusão acerca de um novo modelo civilizador que deveria ser representado pela figura da família, na qual o homem civilizado renegaria as práticas mundanas muitas vezes influenciadas por laços ainda medievais. Quanto à Igreja Católica, cada vez mais presente nas ações do Estado, seria a responsável por ligar estreitamente o termo civilização à prática da fé cristã. Dessa forma, ao divulgar o modelo baseado na família, o Estado cumpria o seu papel moralizador e a Igreja difundia uma civilização cristianizada, longe das tentações do demônio (MUCHEMBLEND, 2001, p. 116-117).

Mas a mudança de comportamento por parte da Igreja vai além de uma tentativa de divulgar um modelo de família cristã. Essa ação reflete mais uma consequência de algo mais profundo, que fez com que a Igreja tentasse tomar as rédeas da situação na qual a sociedade europeia a partir dos séculos XV e XVI vinha se encontrando. Trata-se da Reforma, encabeçada por Martinho Lutero. Com tal abalo provocado pelos pensamentos de Lutero, a Igreja Católica inicialmente acabou por se distanciar de uma perseguição mais maciça acerca da feitiçaria provocada pelas mulheres. De acordo com Muchemblend, enquanto os católicos viam no protestantismo luterano a maior ameaça contra a fé cristã, sendo os mais novos adoradores do Diabo, a religião difundida por Lutero fez das práticas de feitiçaria um dos seus principais alvos a serem perseguidos para atingir a salvação da humanidade (MUCHEMBLEND, 2001, p. 70-71).

Entretanto, aos poucos o lado católico foi se reorganizando acerca de suas principais doutrinas e práticas anticristãs que deveriam ser perseguidas. Robert Muchemblend cita dois fatores que se tornaram essenciais para que a mudança de comportamento por parte da Igreja se tornasse mais incisiva na sociedade: primeiramente, a intensa competição entre luteranos e católicos em busca de uma melhor sistematização dos poderes de Satã e de suas agentes, as feiticeiras; por outro lado, a Reforma Católica fez com que o significado de feitiçaria se concretizasse numa única definição, práticas que envolviam o pacto com o demônio, sendo representadas em sua maior parte pelas mulheres (MUCHEMBLEND, 2001, p. 74). Assim, podemos definir os últimos decênios do século XVI como sendo um período no qual o inferno começa a ganhar a representação de uma infundável batalha diária que o cristão deve fazer para poder evitar a danação eterna. O século XVI trouxe tanto para luteranos quanto para católicos a certeza de que o diabo, juntamente com as feiticeiras, são os principais agentes do mal e inimigos da humanidade.

Mas, de que modo tal relação se torna tão próxima a ponto de inúmeros males se tornarem concretos no mundo? O esforço de teorizar a respeito dos poderes do diabo e também de quem são os seus principais agentes também se dirigiu para o modo como a relação entre diabo e feiticeira se daria. A importância do *Malleus* reside também no fato de que tal esforço de ir além dos poderes de Satã e das bruxas se tornou importante para as teorias acerca dos pactos diabólicos entre as duas criaturas. Segundo Robert Muchembled, a importância do *Malleus* está no fato de que, ao propor uma sistematização dos crimes de feitiçaria, os monges Kramer e Sprenger acabaram por inserir aquela que seria a mais perseguida pelos crimes de bruxaria ao longo de toda a “caça as bruxas” promovidas pela Inquisição moderna, a mulher, além de apontar o principal meio no qual diabo e feiticeira iriam agir, o pacto diabólico (MUCHEMBLED, 2001, p. 61).

Atentemos, em particular, para o fato de que para a prática desse mal abominável são necessários quatro principais elementos. Em primeiro lugar, é necessário, do modo mais profano, renunciar à fé católica, ou negar de qualquer maneira certos dogmas da fé; em segundo lugar, é preciso dedicar-se de corpo e alma à prática do mal; em terceiro lugar, há de ofertar-se crianças não-batizadas a Satã; em quarto, é necessário entregar-se a toda sorte de atos carnis com Íncubos e Súcubos e a toda a sorte de prazeres obscenos (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 77).

Duas proposições de Kramer e Sprenger são de suma importância para que se entenda o ato de feitiçaria e o pacto com o demônio: renegar Deus e a fé católica, além de entregar-se juntamente com Satã a todo e qualquer ato carnal. Eis os principais pontos para que o pacto diabólico se consuma.

A bruxaria se torna a principal heresia a partir do século XIV, na visão da demonologia, devido a uma única característica que a distingue das outras heresias: a bruxa, ao fazer o pacto demoníaco, renega completamente Deus, profanando-o. Segundo os autores do *Malleus*, as bruxas podem ser consideradas pecadoras como as outras pessoas que praticam algum tipo de desvio da fé católica. Entretanto, as bruxas se tornam as piores pecadoras pelo fato de reunirem em si todos os crimes contra Deus desde que Lúcifer foi jogado ao inferno. E de tais crimes, os dois mais graves as bruxas são capazes de reunir: o apego às coisas mundanas e aos atos sexuais, e o principal, na visão de Kramer e Sprenger, que é o de renegar a existência de Deus (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 170-171). Assim, ao praticarem os piores atos que um ser humano

pode cometer, as bruxas são os alvos primeiros dos ataques demoníacos. Será nelas, então, que o pacto demoníaco irá se consumir. É também o que argumenta Robert Mandrou, ao afirmar a importância de um pacto demoníaco devido ao fato de que a mulher não é capaz sozinha de causar grandes malefícios a quem se deseja, sendo apenas uma praticante de magia (MANDROU, 1979, p. 68). Apenas a malícia humana não é capaz de mover objetos ou mesmo causar males físicos aos corpos dos homens. É a explicação dada por Kramer e Sprenger para que seja necessária a presença de Satã na feitiçaria (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 105). Assim, a partir do poder de persuasão que o diabo tem para tentar os homens e, em sua maioria, as mulheres, o pacto demoníaco pode ser consumado por meio da feitiçaria.

E como aconteceria o pacto demoníaco? Literatura não faltou acerca de como as bruxas e os demônios consumiam o pacto demoníaco através de atos carnavais. Entretanto, de modo a não tornar um discurso longo e repetitivo, o uso do *Malleus Maleficarum* como caráter explicativo para tal questão será essencial para o entendimento de como se dá o pacto sexual entre bruxa e demônio.

Tal propaganda se tornava cada vez mais urgente, já que para a perdição da humanidade o pacto sexual entre demônio e feiticeira poderia ser consumado com a geração de uma criança. Segundo Kramer e Sprenger, o ato em si aconteceria quando o demônio, denominado súcubo, transportaria o sêmen de um homem comum até a mulher com que se desejar consumir o ato venéreo. Ao introduzir o sêmen na mulher, o demônio se tornaria íncubo, terminando assim o pacto sexual entre bruxa e Satã. Tal fato se torna possível devido à capacidade que os corpos espirituais têm de mover corpos naturais, nesse caso o sêmen do homem sendo transportado até a feiticeira. Entretanto, Kramer e Sprenger ressaltam o fato de que a criança gerada desse ato sexual não é filha de Satã, porque o sêmen era originado de um homem e também porque os demônios não são capazes de manter contato físico com os homens nesse nível corpóreo (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 85).

Serão nos sabbats que as piores feiticeiras, as mais perversas, se encontrarão para compactuar com os demônios e por em prática inúmeros males que irão assolar as pessoas. Vale ressaltar que a presença do termo sabbat não se encontra explícito no Manual de Kramer e Sprenger. Mas isso não significa que a recorrência de cerimônias nos quais as bruxas se encontram para compactuar com Satã e mesmo a capacidade que elas têm de se transportar de um lugar a outro não esteja inserido no *Malleus*.

A cerimônia solene é realizada em conclave, com data marcada. Nela o Diabo aparece às bruxas em forma de homem, reclamando-lhes a fidelidade que será firmada em voto solene. Em troca, promete-lhes a prosperidade humana e longevidade. Depois, as feiticeiras recomendam-lhe uma iniciante – uma noviça – para seu acolhimento e aprovação, a quem o Diabo então pergunta:

- Juras repudiar a Fé e renunciar à santa religião Cristã e à adoração da Mulher Anômala? – porque assim chamam à Santíssima Virgem Maria. – Juras nunca mais venerar os Sacramentos?

[...] Feito isso, o Diabo prossegue:

- Ainda não basta. – E o que mais há para ser feito? – indaga a discípula. – É preciso que te entregues a mim de corpo e alma, para todo o sempre, e que te esforces ao extremo para trazer-me outros discípulos, homens e mulheres [...] (KRAMER & SPRENGER, 1991, p. 215-216).

A descrição dos monges faz parte de uma construção mitológica acerca do sabbat que perdurou ao longo de todos os séculos de perseguição da Igreja Católica contra a bruxaria. Jules Michelet, por exemplo, identificou dois momentos no decorrer dos séculos XI ao XIV que tiveram representações distintas acerca do sabbat. De acordo com o autor, a designação de sabbat, ainda nos séculos XI ao XIII, era identificada mais com reuniões pagãs onde as pessoas, apesar de professarem a fé cristã abertamente, reuniam-se em cerimônias noturnas para cultuar seus deuses e divindades (MICHELET, 1974, p. 111-112).

Mas as mudanças não tardariam a chegar. Dessa forma, de uma cerimônia noturna voltada para culto de divindades pagãs, o sabbat ganharia caracteres demoníacos, apresentando uma forma assustadora e grandiosa da Missa Negra (MICHELET, 1974, p. 113). Satã se torna o grande homenageado da cerimônia. Todo o tipo de ato presente no sabbat serve de culto ao príncipe do mundo. Segundo Robert Mandrou, um dos principais momentos do sabbat consiste na suposta prestação de contas das bruxas acerca dos males que elas causaram e a recompensa que Satã daria às suas servas. Para os inquisidores, tal prestação de serviços é a prova mais cabal da relação estreita entre o diabo e feiticeiras, e também comprova a relação causa/ consequência que as bruxas têm com os males e catástrofes da humanidade (MANDROU, 1979, p. 122-123).

Já o autor Jules Michelet identifica na cerimônia do sabbat cinco principais aspectos que são considerados fundamentais para que ocorra a reunião noturna, e que se

analisados com a descrição anterior de Kramer e Sprenger, iremos perceber consideráveis semelhanças entre as formas de representação de um sabbat. Primeiramente, Michelet aponta a grande incidência de mulheres praticantes das reuniões diabólicas. Como já discutido, a presença feminina em pactos demoníacos é comprovada devido à sua predisposição aos desvios sexuais. E nos sabbats de Jules Michelet, duas outras características se tornam essenciais para a consumação de todo o rito cerimonial. Trata-se da presença e reverência à Satã, e também ao pacto sexual entre Satã e uma feiticeira escolhida para tal ato. Mas para o pacto demoníaco ocorrer, é também necessário outro aspecto já mencionado por Kramer e Sprenger, que é o de renegar toda a fé cristã e, conseqüentemente, Deus. Por fim, um ritual que irá anteceder o pacto sexual entre o demônio e feiticeira é feito pelas outras participantes do ritual noturno, que para Michelet simboliza a dança macabra, acompanhada de danças e banquetes em honra à presença de Lúcifer (MICHELET, 1974, p. 118-119).

O *Malleus Maleficarum* não obteve importância apenas no tempo em que foi publicado, e não só pelo fato da bula de Inocêncio VIII estar presente no prólogo do manual de Kramer e Sprenger. Trata-se de um manual poderosíssimo contra uma ameaça que se tornava cada vez mais crescente e também presente numa sociedade rodeada de medos. Teólogos não faltaram ao longo dos séculos posteriores que se preocuparam com a mesma ação antifeminista e de combate ao diabo, promovido pelos autores do *Malleus*. O jesuíta Del Rio, como bem cita Jean Delumeau, assegurava em suas obras a ameaça constante que as mulheres poderiam promover, já que eram consideradas as grandes responsáveis pela difusão dos malefícios do Diabo (DELUMEAU, 1989, p. 489). Números são mencionados por Delumeau acerca do considerável sucesso que a obra de Kramer e Sprenger adquiriu ao longo dos anos que precederam a publicação do manual. Entre os anos de 1487 e 1520 o *Malleus Maleficarum* se tornou obra de referência entre os principais juízes e demonólogos, alcançando a marca de 14 edições nesse curto espaço de tempo, feito este inédito para qualquer obra anterior ou posterior de demonologia (DELUMEAU, 1989, p. 528). Nada mais justo seria escrever um artigo que pudesse tentar compreender os principais elementos que fizeram de tal manual a obra de referência apontada por Jean Delumeau. Partindo da percepção do medo, podemos analisar de uma forma mais profunda as nuances nas quais os autores do *Malleus* procuraram justificar a relação entre a permissão de Deus com as ações de Satã em prol da danação de toda a humanidade, tendo no pacto demoníaco com as feiticeiras o principal elemento de tais atos.

Referências Bibliográficas

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras. Malleus Maleficarum*. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991.

MANDROU, Robert. *Magistrados e Feiticeiros na França do século XVII*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

MICHELET, Jules. *A feiticeira*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

MUCHEMBLEND, Robert. *Uma história do Diabo*. Rio de Janeiro: Bom texto, 2001.